

# CEDI

## Povos Indígenas no Brasil

Fonte: Folha de S. Paulo Class.: Xavante / Pim. Barbosa

Data: 15/09/94 Pg.: 1382

# Índios querem pacificar brancos com CD

*'Etenhiritipá' é o primeiro disco indígena não-acadêmico e com direitos autorais revertidos para uma tribo*

### INDIFOLHA

#### IANOMÂMIS SÃO EM MAIOR NÚMERO

População estimada de nações indígenas



#### Bloco de Vidro nacional e importado



cobrimos qualquer oferta

**GEA**

Av. Brasil, 2.127 Tel.: 853 7167 / 852 8568



Xavantes dançam durante a gravação do disco, em 1992

**LUÍS ANTÔNIO GIRON**  
Da Reportagem Local

Acontece amanhã no MIS o lançamento do CD "Etenhiritipá". É o primeiro disco realizado por índios brasileiros em benefício de uma comunidade indígena.

"Etenhiritipá" significa "povo Awe da serra do Roncador". O disco reúne 31 cantos tradicionais dos xavantes (os "awe") da aldeia Pimentel Barbosa. Localizada na serra do Roncador, Mato Grosso, ela é chamada de aldeia mãe pelos 8.000 xavantes distribuídos por 60 aldeias no Centro-Oeste.

Ali, entre 1943 e 1944, realizou-se um congresso (uma "wara") de xavantes que deliberou a "pacificação dos warazu" (brancos) após décadas de conflitos. Apoena, chefe da época, queria criar um intercâmbio cultural com os brasileiros.

Os xavantes acham que o CD materializa o sonho de Apoena. A produção do disco ocorreu entre julho de 1992 e agosto de 1993, com participação dos índios. O trabalho foi formalizado pelo Núcleo de Cultura Indígena, entidade não-governamental de São Paulo. Custou US\$ 10 mil, dinheiro pago pela Fundação Gaia, de Londres.

A distribuição se dá pelo selo Quilombo da gravadora Warner. O selo pertence ao compositor Milton Nascimento, que o exigiu em contrato com a Warner em 1991.

Os direitos autorais —12% so-

bre o total das vendas— serão depositados na conta da Associação Xavante de Pimentel Barbosa.

"É o primeiro produto de massa feito pelos índios sem interferência de etnógrafos", afirma Angela Maria Pappiani, produtora do trabalho. Ou, como diz Ailton Krenak, presidente do Núcleo: "Pela primeira vez, uma comunidade indígena estabelece uma relação entre produto cultural e mercado."

**Disco:** Etenhiritipá - Cantos da Tradição Xavante  
**Edição:** Paulo Ciapssé Xavante, Paulo Supretaprã, Tsuptó Buprewen, Wairi Xavante e Angela Pappiani  
**Lançamento:** Warner Music/Quilombo  
**Quanto:** R\$ 20,00 (o CD, em média)  
**Onde:** lançamento no Museu da Imagem e do Som (av. Europa, 158, tel. 011/280-0896)  
**Quando:** amanhã, às 21h

#### LEIA MAIS

sobre o CD xavante à pág. 5-3

# Xavantes lançam clipe com rito sagrado

A faixa escolhida pela tribo, "Wai'á", faz parte de cerimônia masculina e deverá ser veiculada pela TV



Tribo de Pimentel Barbosa durante gravação do CD "Etenhiritipá", em julho de 1992

Da Reportagem Local

O CD "Etenhiritipá" inaugura um outro produto inédito: o vídeo-clipe sílvicola.

A faixa escolhida pela comunidade é Pimentel Barbosa para a gravação do clipe intitula-se "Wai'á" e faz parte das cerimônias sagradas de iniciação dos adolescentes, que acontece de dez em dez anos.

O clipe foi realizado por José Belizão e Silvestre Canpe há duas semanas, quando a equipe dirigida pela produtora Angela Pappiani foi à aldeia entregar a fita master do disco. Os "videomakers" utilizaram filmadora de 16 mm para gravar as cenas de danças rituais que integram o clipe.

Os índios ouviram o disco e aprovaram o trabalho. Três deles haviam participado da mixagem, em maio de 1993, nos estúdios da Quilombo, em Belo Horizonte.

"A fita virou hit na aldeia", conta Angela. "Todos estão se divertindo muito ouvindo as próprias vozes e tocam as músicas 24 horas por dia."

A faixa de trabalho (como é chamada pelas gravadoras a música que será utilizada para veiculação em rádio e TV) foi eleita numa "wara", a reunião parlamentar da comunidade.

Uma "wara" também decidiu o repertório do CD em julho de 1992, numa noite de lua cheia. Os xavantes optaram por cantos de iniciação que não envolvessem cerimônias secretas ou instrumentos tabus. Algumas flautas típicas dos xavantes não constam do disco.

O CD foi realizado com um gravador de oito canais e uma mesa de som de 16 canais. Os equipamentos eram ligados à bateria do carro. As gravações duraram uma semana e envolveram as 600 pessoas da aldeia. Os registros aconteceram à noite, turno em que os ventos sopram menos.

Para a produtora, o CD tem uma importância estratégica num momento em que existe animosidade de setores da intelligentsia brasileira em relação à cultura indígena, e dos xavantes em particular. "Finalmente, os xavantes ganharam uma imagem negativa por causa do cacique Mário Juruna", diz Angela. "O CD é a afirmação musical de uma comunidade que faz questão de viver da forma tradicional, ainda que tenha contato intenso com a cultura branca."

O Núcleo de Cultura Indígena pretende utilizar o produto na divulgação do CD. "Estamos batizando a veiculação do clipe em emissoras de TV", diz Angela.

(Luís Antônio Giron)

## CD é arma de combate cultural

Da Reportagem Local

O CD xavante é o quarto e melhor acabado produto de música indígena brasileira. Sem o ranço etnográfico, a preocupação documental fica em segundo plano. A ênfase é dada no registro artístico, no prazer do canto coral xavante.

Antes de "Etenhiritipá" foram lançados os LPs "Paiter Merewa" (1985), em produção de Marliu Miranda; "Bororo Vive" (1990), realizado pela Universidade Federal do Mato Grosso, e uma coletânea dos anos 70 organizada pelo selo Marcus Pereira.

Foram trabalhos pioneiros, mas que padeciam de ecletismo. Marcus Pereira, por exemplo, incluiu cantos xavantes, mas não conseguiu dar uma noção de conjunto da tradição da nação.

O CD tem a virtude da amostra completa. Ali estão os hinos iniciáticos, os rituais de celebração dos turnos do dia e os cantos de trabalho.

A música xavante tem como característica principal a forte marcação rítmica, apoiada em instrumentos de percussão leve. Os apitos e o canto grave, em uníssono, dominam as faixas.

É um som dançante, que hipnotiza. Pode ser até utilizado como sampler no pop.

A faixa usada no clipe tem esse vigor rítmico. Mas não se trata de uma música de fácil audição. Para o ouvinte comum, é recomendável se habituar vagarosamente com o ambiente de gritos e palavras mágicas ininteligíveis (ignoradas até pela produtora do disco, para a qual alguns segredos não foram revelados).

O disco vale como arma cultural. Os xavantes provam que uma extinção da música indígena significaria crime contra a humanidade.

(LAG)